

ANTROPO *lógicas*

 publicações FUNDAÇÃO
FERNANDO PESSOA

2022

18

Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado¹

Carmo Daun e Lorena²
Universidade do Minho

RESUMO

Este artigo apresenta uma festividade sobre a qual muito pouco se estudou: a festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, também chamada de São João de Sobrado. Trata-se de uma festa junina de Mouros e Cristãos, que tem lugar no concelho de Valongo, no dia 24 de Junho.

Através de uma revisão bibliográfica que unifica, pela primeira vez, a dispersão das publicações sobre esta festividade, será possível identificar diferentes paradigmas da pesquisa etnológica. Com especial enfoque no século XX, esse mapeamento far-se-á pelo olhar dos estudiosos estrangeiros e portugueses que escreveram sobre esta manifestação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Bugiada e Mouriscada; etnologia; festa; Mouros e Cristãos; bibliografia crítica.

ABSTRACT:

This article presents a festivity about which very little has been studied: the «Bugiada» and «Mouriscada» of Sobrado, also called St. John of Sobrado. It is a midsummer festivity which takes place in Northern Portugal (Valongo) on June 24th.

Through a bibliographic review, which unifies, for the first time, a scattering of publications about this festivity, it will be possible to identify different paradigms of ethnological research. With a special focus on the 20th century, this mapping will be done through the eyes of foreign and Portuguese scholars who wrote about this cultural manifestation.

KEYWORDS: Bugiada and Mouriscada; ethnology; festivity; Moors and Christians; critical bibliography.

Introdução

Anualmente, no dia 24 de Junho, realiza-se na vila de Sobrado, concelho de Valongo, a festa da Bugiada e Mouriscada, também chamada de São João de Sobrado.

Tem subjacente uma lenda que narra a disputa entre cristãos e mouros pela posse da imagem de São João Baptista. Estes grupos são representados por duas formações opostas, Bugios e Mourisqueiros, com os seus respectivos reis, o Velho e o Reimoeiro. Estes dois grupos são muito distintos no que ao seu número e postura diz respeito. Hoje em dia, os Bugios são centenas, perto do milhar, e os Mourisqueiros resumem-se a algumas dezenas. Os primeiros são pessoas de todas as faixas etárias, usam máscara, dançam ruidosa e desengonçadamente, e são acompanhados por uma pequena orquestra de violas e violinos. Os segundos são jovens solteiros cujos trajes e marcha lembram um exército compenetrado e vigoroso, e dançam ao som de um pequeno tambor, a caixa. Apesar de a festividade ser composta por várias performances e personagens, estes são os protagonistas principais.

¹ Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto "FESTIVITY - Festa, Património Cultural e Sustentabilidade Comunitária. Investigação e Comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado" (PTDC/COM-CSS/31975/2017) e dos projectos UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

² A autora não escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

Em traços muito gerais, eis a forma como a festa decorre ao longo do dia, do ponto de vista da sua apresentação performativa.³

As movimentações em Sobrado começam de manhã bem cedo, por volta das 7 horas. À porta da casa do Reimoeiro e do Velho, vão-se juntando Mourisqueiros e Bugios, respectivamente, formando assim dois 'exércitos' antagónicos.

Por volta das 10 horas, repastam-se numa refeição denominada 'jantar', servida a ambos os grupos, mas em espaços separados. Na rua, começam a surgir as Entrajadas, apresentações de crítica social, feitas individualmente ou em grupo, que consistem na representação satírica de certos episódios da vida social e política, local e nacional.

As cerimónias religiosas decorrem autonomamente. Na igreja matriz, a missa chega ao fim e sai a procissão. Por esta altura, os Bugios ainda terminam a sua refeição, mas os Mourisqueiros já estão a postos para transportar os andores, nomeadamente o de São João, aludindo ao roubo ritual da imagem do santo, evocando na lenda.

Segue-se um dos pontos altos da festa: a Dança de Entrada, em que Bugios e Mourisqueiros se apresentam às milhares de pessoas que se acotovela na beira da estrada a assistir. As duas formações, encabeçadas pelos respectivos reis, dançam acompanhados pela música da Banda Musical de São Martinho do Campo. Terminado este momento apoteótico, pela hora de almoço, a multidão dispersa e é animada novamente pelas Entrajadas.

Pelas 15 horas, iniciam-se os Serviços da Tarde. Trata-se de um conjunto de representações burlescas. A primeira, é a 'cobrança dos direitos', seguida pela 'sementeira', pelo 'gradar' e pelo 'lavrar' da terra, nesta ordem, inversa à normal actividade agrícola.

Pelas 17 horas, em frente ao adro da igreja, tem lugar a Sapateirada ou Dança do Cego, uma farsa que encena a história atribulada de um sapateiro, da sua mulher (na verdade, trata-se de um homem vestido de mulher) e do seu moço (que traz consigo sapatos velhos e um pequeno banco de apoio para o mestre), no seu encontro com um cego e o seu moço, que o acompanha e guia. Enquanto o sapateiro e o cego tropeçam um num outro e se engalfinham, a mulher do primeiro foge com o moço do segundo. Entre cóleras e correrias num lamaçal, a assistência, que incita os personagens, vai sendo salpicada, senão mesmo manchada, pelo banho de lama. Por seu turno, Bugios e Mourisqueiros executam outros números coreográficos, como a Dança do Doce, realizada no pátio da residência paroquial e após a qual o pároco distribui aos participantes um doce típico local.

Ao cair da tarde, a festa entra no seu clímax com a Prisão do Velho. Bugios e Mourisqueiros combatem. A batalha começa com disparos de pólvora seca a partir

dos dois 'castelos' inimigos (estruturas com um estrado em altura, construídas com toros de pinheiro). Um cavaleiro 'corre as embaixadas' de um 'castelo' ao outro, levando mensagens, na tentativa de se negociar a paz. Os Bugios ficam sem munições e os Mourisqueiros atacam o 'castelo' adversário, fazendo o Velho prisioneiro.

A multidão na assistência, de olhos erguidos, segue atentamente o desenrolar dos acontecimentos lá em cima no 'castelo' dos Bugios, com a intervenção de dois Advogados, um em defesa da Bugiada, e outro da Mouriscada. A música volta a desempenhar um papel importante, com a Banda a tocar uma marcha fúnebre.

De súbito, surge um grupo de Bugios transportando uma Serpe. Apanhados de surpresa e amedrontados, os Mourisqueiros soltam o Velho.

Refazem-se ambas as formações - a Bugiada e a Mouriscada - e a festa termina com uma última dança em frente à igreja, a Dança do Santo.

Muito sucintamente, assim é a festa tal como acontece no dia 24 de Junho por aqueles que a fazem. Vejamos, então, o que foi escrito sobre ela por observadores externos.

A festa da Bugiada e Mouriscada sempre ocupou um lugar marginal nas páginas de livros e revistas científicos. Uma situação que simplesmente reflectiu a marginalidade da própria festa no contexto nacional português das festas populares, em geral, e das festas juninas, em particular. Apesar da centralidade que assume na comunidade local, esta é uma festividade muito pouco conhecida para lá dos limites geográficos e afectivos de Sobrado.

Este artigo apresenta essa festa, sobre a qual muito pouco se estudou, através de uma compilação e revisão bibliográfica, que pretende esboçar um estado da arte - o primeiro alguma vez tentado sobre esta manifestação cultural - e, com ele, identificar avanços e recuos no interesse académico que ela suscitou e diferentes paradigmas da pesquisa etnológica. Esta revisão da literatura permitirá mapear agentes e agendas de pesquisa e servirá de base para investigações futuras. As balizas temporais desta análise situam-se entre o final do século XIX e a contemporaneidade, com especial enfoque no século XX. Durante este período tão dilatado, uma constante manteve-se persistentemente: foi pouca e curta a atenção e produção bibliográfica concedida a esta festa por pesquisadores e interessados. Essa invisibilidade e escassez manifesta-se também na pesquisa documental e arquivística,⁴ mas não justifica a ausência de uma sistematização, aqui realizada seguindo uma ordem cronológica. Pelo contrário: a partir destes registos, a maioria das vezes breves e superficiais, será possível não apenas compreender o modo como este festejo foi observado e interpretado,

³ Para uma descrição detalhada do dia da festa com as suas várias componentes performativas e simbólicas, veja-se Pereira (1982), Pinto (1983, 2000) e Pinto et al. (2016).

⁴ Por estar fora do escopo deste artigo, não incluiremos aqui as referências encontradas na imprensa periódica, isto é, nos jornais nacionais e regionais. Também não nos debruçaremos sobre a documentação encontrada em arquivos. Foi realizada uma recolha desses materiais, cujo tratamento e análise serão realizados em publicação futura.

como desvelar a dinâmica desta tradição popular ao longo do tempo.

Olhares de fora: o interesse dos estrangeiros

Daquilo que apurámos até ao momento, as referências mais recuadas ao São João de Sobrado datam da última vintena do século XIX. A primeira é de 1882. Porém, a fonte histórica não pode ser verificada. Esta é uma informação que nos chega através de José Leite de Vasconcellos (1858-1941), numa obra póstuma (1997 [1982]), na qual ele transcreve um “apontamento enviado por Jerónimo Alves Barbosa, do Porto, em 8 de Novembro de 1882”. Começa assim: “No dia 24 de Junho de todos os anos é este santo festejado na igreja paroquial da freguesia. Concorre ali gente em número espantoso, e até de grandes distâncias, mais com o propósito de presenciar o que os ‘moços’ aí fazem.” (in Leite de Vasconcelos 1997, p. 409). A descrição prossegue aludindo a duas danças e àquilo que hoje se denominam Serviços da Tarde.

A segunda referência é do ano seguinte.⁵ O pintor português Francisco José Resende (1825-1893) esteve em Sobrado no dia 24 de Junho de 1883. Disso deu testemunho em carta dirigida a Batignolles. Escreveu:

“Fui a Sobrado, passar o dia de S. João em casa do Abade. Jantar abundante – á antiga portuguesa. A parentéla enchia a mesa. A dança dos chamados Mouros ou Christãos (mascarados) com chapeos infeitados de plumas vermelhas, espelho, roupas garridas os outros (Christãos ou Bugios) com toda a sorte de trajés, turbantes, espadas de ponta ou florêtes, pegando nos punhos com lenços de renda, e um doce espetado nos florêtes, saltando, pulando, correndo em duas alas e o chefe passando depois pelo meio à retaguarda [...]; um outro mascarado fingindo reger uma orchestra com uma companheira (uma caricatura); depois há um combate, um supposto castello (são alguns paus formando tablado) e assim foliam; na 1ª corrida um dos chefes ajoelha à porta do adro e recebe agua benta. Finalm.te é pittoresco. Vou a pe até Vallongo, tendo ido até Sobrado em carro descoberto por conta do abbade q. me recommendou ao Seara, regedor de Vallongo o qual me esperava á porta da Estação. As dores do meu cachal direito desesperavam-me, passando triste em frente do pittoresco arraial.” (in Mourato 2000, p.102)

Ainda no que concerne a fontes primárias, a referência mais antiga do século XX à festa da Bugiada e Mouriscada data de 1904 e foi escrita pela pena do Pe. Joaquim Lopes Reis numa monografia sobre Valongo.⁶ Reis escreve profusamente sobre a vila e a região va-

longuense, e apenas dedica uma nota de rodapé à festa de Sobrado:

“Em Sobrado, freguesia do concelho de Valongo, se fazem todos os anos no dia de S. João as danças da mourisca e da bugiada, que nada têm de comum com a de Valongo, tornando-se os seus bugios notáveis pelas momicas que praticam e cabriolas altamente caricatas que fazem. Em saltar ninguém lhes ganha.” (Reis 1904, p. 301)

Uma certeza podemos retirar deste testemunho: no dealbar do século XX, a Bugiada e Mouriscada de Sobrado demarcava-se da de Valongo, ali bem perto. Terá tido a sua origem nela? Ainda que mera especulação, esta hipótese não é descabida. No entanto, faltam fontes históricas que a comprovem.⁷ Mas isto não impediu que se formulassem diferentes teses e teorias, como veremos adiante.

Passaram quase trinta anos até surgirem novos registos sobre a festa. Estes partiram de estudiosos estrangeiros e constituíram a primeira abordagem mais exaustiva a esta festividade.

O nome reconhecido é Rodney Gallop (1901-1948), o etnomusicólogo inglês que foi igualmente diplomata, tendo exercido essa função também em território português. Entre 1931 e 1933, percorreu Portugal de norte a sul e passou por Sobrado. Chegou no dia 24 de Junho de 1932, pelas 18 horas.⁸ Foi preciso esperar alguns anos até à publicação da obra de referência *Portugal. A Book of Folk Ways*, resultado do levantamento que levou a cabo no país. Mas enquanto o livro estava no prelo, outras anotações foram saindo.

Em 1933, foi a sua conterrânea inglesa e colega Violet Alford (1881-1972) que revelou os primeiros dados num artigo publicado na revista *Folklore*, onde incluiu uma fotografia dos Mouriscos da autoria de Gallop. Antes de mais, importa notar que, através deste artigo (Alford 1933), é possível inferir que Alford e Gallop estavam juntos no verão de 1932, facto depois confirmado em textos posteriores. O artigo segue o formato descritivo e comparativo da etnologia da época. Começa com a descrição de adivinhações e outros rituais, mas foca-se sobretudo em músicas (com a transcrição das respectivas letras e pautas) e danças (com a descrição das coreografias), e é intercalado pela comparação com outros rituais e performances similares em Inglaterra, França e Espanha (Galiza), e muito particularmente com a região Basca francesa e Pirenéus, que Alford estudou a fundo. Tudo converge para o interesse

⁵ Do final do século XIX, é de registar ainda a existência de um folheto volante datado de 1896 com referência à festa do São João de Sobrado e da autoria do valonguense José Alves dos Reis (coleção particular).

⁶ O autor fala das Bugiadas de Valongo. De notar, no entanto, que, antes, já Francisco Seara havia feito menção à Bugiada em Valongo por altura das festas de Santo António (cf. Seara 1863, 1896, p. 20).

⁷ José Alberto Sardinha, referindo o relato do Pe. Reis, defende que a origem destas danças está nas procissões do Corpo de Deus, que se difundiram para outras datas do calendário e que, em Valongo, surgiram nas festas de Santo António, mais tarde de São Mamede. Assim, defende o autor, “a mourisca e a bugiada do Sobrado não provinham de nenhuma procissão de Corpus Christi existente nessa localidade, mas sim de imitação das danças da bugiada e dos odres da vila de Valongo, estas sim, directamente procedentes de procissão de Corpo de Deus aí existente” (cf. Sardinha 2012, pp. 60-62).

⁸ Esta é a hora que Rodney Gallop menciona (cf. 1961, p.171) mas, como veremos, a sua companheira de viagem, Violet Alford, refere as 17h. (cf. Alford 1933, p. 227).

que ela tinha acerca das «Morris dances» e das danças de espadas e paus europeias, que foram o seu objecto de estudo de eleição.

Alford começa por fazer uma referência aos “Midsummer doings once carried out all over the north of the country, and surviving well, though now in decay, at Braga, at the village of Sobrado, and probably in other places of which I have not heard.” O aparente declínio pede uma descrição mais concreta. Começa por Braga e avança depois para o caso de Sobrado: “The second Morris witnessed that same Midsummer Day [1932]⁹ was going on many kilometers away at the village of Sobrado near Vallongo. The dancers practise carefully for several Sundays beforehand, and crowds come in every year as though they had never seen it before.” (1933, p. 226).

A descrição tem início com a saída da congregação da missa e a entrada dos Mouriscos na vila, pelas 11h30. Portanto, nada ficamos a saber sobre o que se terá passado antes. Não é de estranhar que a sua atenção esteja primeiramente voltada para os Mourisqueiros. Todavia, logo aparecem os Bugios: “From the opposite side of the village came another and more extraordinary procession. These were the «Bugios», whose name literally means ‘mimer’ or ‘imitator’, with, however, the possibility of a second meaning. [...] For the secondary meaning of «Bugio» may be ‘sorcerer’.” (1933, p. 226).

Alford fornece descrição detalhada das roupas e adereços de Mourisqueiros e Bugios e revela que “The King of the Bugios had inherited the office from his father.” (1933, p. 227), algo que hoje já não sucede. Prossegue depois com uma brevíssima descrição da sementeira e do gradar e lavar. E revela: “We arrived about 5 o’clock from Braga [...] and the second part of the proceedings not long begun.” (1933, p. 227). Ficamos assim a saber que viajou acompanhada e que a descrição anterior, relativa à manhã da festa, só pode ter sido um relato feito por terceiros.

Ao fim da tarde, Alford descreve Bugios e Mourisqueiros espalhados pelo recinto, para logo depois estes últimos se emparelharem para uma dança no pátio da casa do padre. Uma vez mais, uma dança descrita pormenorizadamente por Alford. No mesmo lugar, os Bugios, “then began a most extraordinary dance, if dance it can be called” (1933, p. 228), cujos movimentos e expressões dramáticas do seu Rei são vividamente descritas, bem como a restante coreografia da Bugiada.

Pelas 18h45, as duas formações subiram aos seus ‘castelos’. A autora descreve o cenário e a representação da luta e, por fim, o aprisionamento do rei dos Bugios pelo rei dos Mouriscos. O acompanhamento da banda de música que, entretanto, “joined the procession with dirge-like music” (1933, p. 230) não escapa à descrição de Alford. Nem tão-pouco a Serpe: “This creature was called the «Bicha» (serpent or dragon)

and was about 8 ft. long, made of sacking covering a light wooden frame and painted with large spots. His tail was a fir branch, his tongue of red cotton.” (1933, p. 230). Após a libertação do rei dos Bugios, Alford dá conta da Dança do Santo, em frente à igreja e em honra de São João. A dos Mourisqueiros durou meia hora, seguiram-se os Bugios.

A descrição (e a festa) termina assim: “Illuminations, fireworks and explosions began all over the countryside, for the saint must be honoured by as much noise as possible. After which the people went home through the warm night, men and girls exchanging hats, singing such songs as these.” (1933, pp. 230-231). Alford apresenta então duas músicas de São João (uma da região do Porto, outra da região centro de Portugal) e uma música de Santo António, todas com as respectivas letras e pautas.

Contudo, Violet Alford deixa ainda algumas notas interessantes:

“We have no history of the Sobrado rite, so we cannot illuminate the present confusion with gleams from the past before deterioration set in. But we have an account, as usual disappointing, of another rite in which «Bugios» figure, and that no further away than the town of Vallongo on the Douro railway. A pamphlet entitled “Bosquejo Historico da Villa de Vallongo” by F. J. Ribeira Seara, 1896, shows not a Mourisca, but a «Bugiada».” (1933, p. 232)

É curioso notar que Alford parecia debater-se com a mesma escassez de fontes históricas com que ainda hoje em dia nos deparamos, assim como com uma certa desilusão relativamente aos relatos disponíveis. Com base nesse dado, Alford especula o seguinte sobre esse festejo (dedicado a Santo António desde 1750): “If information were available we should probably find that the «Bugiada» was an annual event long before that date, but that it was held in honour of São João. In other words a Midsummer Festival.” (1933, p. 233). Mas, não havendo informação que a sustente, esta tese, tão feita à medida de Alford, não passa de suposição. No que concerne à festa de Sobrado, Alford termina o artigo, avançando algumas hipóteses, tendo por base um exercício comparativo:

“The Sobrado Mourisca seems to be a Mummer’s Play on a large scale, the protagonists whole companies instead of individuals, until the moment of the capture of the «Bugio» King. That moment of suspense, the Mourisco King standing, naked sword in hand above the kneeling captive, struck me forcibly as having once been more than a capture. The death of the Vallongo «Bugio» in the next town gives legitimate reason to believe that the Sobrado «Bugio» died also, and I think the death took place at this moment and at the hands of the Mourisco King. The escape and the attack by the Dragon would be an episode added when the need of a death had been forgotten. We have no evidence of what was the Dragon’s rôle in our Mummer’s Plays and Morris, and Dragons have now died out.” (1933, pp. 233-234)

⁹ Pelo relato anterior, ficamos a saber que Alford presenciou a festa de Braga «On Midsummer morning, 1932» (cf. 1933, p. 221).

E após algumas considerações anteriores, a autora avança ainda outra hipótese rebuscada: “it occurs to me that the present Mouriscos may once have been the Christian company, and the «Bugios» the Mouriscos.” (1933, p. 235) e depois de mencionar dois exemplos franceses em que isso sucedeu, acrescenta:

“These Sobrado companies may have suffered the same mistaken change, and the fact that the «Bugio» King wears the Mourisco headdress might be regarded as some indication that this has taken place. But this would by no means lessen the interest of finding sorcerers bowing so oddly to the Chief of their Coven on a Midsummer Day, for we then might argue that it strengthens both the connection between Morris and a Fertility cult [...]” (1933, p. 235)

Esta publicação mostra bem a matriz etnológica que regia o estudo das festividades populares na década de 1930, tanto ao nível programático como metodológico. Do que escreveu Alford, importa reter alguns aspectos: a preocupação com o declínio, com as sobrevivências e com a origem; e devido a isso, as descrições detalhadas de trajes, adereços, danças, música; e a comparação – e tentativa de estabelecer relações e derivações – entre celebrações e práticas performativas congêneres.

Em 1934, foi então a vez de Rodney Gallop fazer a sua primeira referência à festa de Sobrado, num artigo intitulado “The Origins of the Morris Dance”. Nele, o autor contesta a ideia estabelecida de as «Morris dances» europeias terem origem moura e discorre sobre o facto de a denominação das danças («Morris» ou «Morisco») ter estado na origem do equívoco. Ou seja, o nome das danças não comprova a origem ou a semelhança performativa com as danças mouras originais. Como bom folclorista, Gallop faz uso da comparação: “There is no question that the English Morris dance is closely related to the similar dances (whether called «Morisco» or not) of the rest of Europe, and it is impossible to propound an answer to the question of its origin without taking into account the evidence furnished by other countries.” (1934, p. 123). E é da comparação que surge o elemento que aqui nos interessa. Gallop oferece vários exemplos portugueses e espanhóis de combates rituais entre Mouros e Cristãos e termina dizendo: “Lastly I may mention in this connection the astonishing «Mouriscada» which Miss Violet Alford and I witnessed near Valongo in Portugal and which she has described in full detail in *Folk Lore*.” (1934, p. 126).

A referência escrita à festividade de Sobrado é breve, informa apenas sobre os dois exércitos e a sua luta, que termina na libertação do Rei dos Bugios com a ajuda do Dragão. Todavia, a referência visual é de relevo. Gallop escolheu duas fotografias para ilustrar este artigo, ambas de Portugal: uma, dos Bugios de Sobrado com o seu ‘dragão’ e outra, do Rei David e seus cortejados, em Braga. Apesar de não estarem datadas, foram seguramente tiradas no verão de 1932. O texto trata com maior detalhe muitas outras celebrações e perfor-

mances, mas uma das duas fotografias seleccionadas foi da festa de Sobrado.

Por fim, e depois de uma discussão interessante sobre o assunto, Gallop termina dizendo o seguinte:

“Folklore, of course, is not an exact science. The only method of argument is by analogy, always a dangerous one. Its conclusions are necessarily tentative. They can be demonstrated but they cannot be proved. Their acceptance or rejection must be left to the individual judgment. It is subject to these reservations that I venture to state my conclusions. We can assume that the Morris dance is not of Moorish origin and that some fortuitous circumstance or combination of circumstances must have saddled it with its widespread (though not universal) name.” (1934, p. 129)

No ano seguinte, em 1935, Rodney Gallop e Violet Alford publicam juntos uma obra de grande fôlego, *The Traditional Dance*, na qual também referem a Mouriscada de Sobrado. Este livro surge oportunamente no âmbito do International Folk Dance Festival, que se realizou em Londres em Julho de 1935 e que contou com Gallop e Alford entre os seus organizadores. Deste evento fez parte a International Folk Dance Conference, da qual resultou um número especial do *Journal of the English Folk Dance and Song Society*, uma espécie de livro de actas da conferência. E foi justamente nesse número da revista que Violet Alford publicou a comunicação “Morris and Morisca”, que apresentara na conferência. Alford, sempre interessada nas «Morris dances» de Inglaterra, volta-se aqui para os casos de França, Itália e Espanha. Apoiada em bibliografia cuidadosamente seleccionada, faz uma resenha de diversos casos ocorridos entre os séculos XII e XVI, e não descarta o assunto que então intrigava os dois folcloristas, o da designação: “how loosely the words Saracen, Turk, Moor and Morisco were used, not only indiscriminately amongst themselves, but for performances in which none of these characters appeared.” (1935, p. 42) Um outro aspecto que aborda é o da distinção entre as danças Mouriscas cortesãs e populares («court»/«folk») e as possíveis origens de ambas. A tese de que, em muitos casos, as danças precedem a presença moura nos territórios e que a representação dos mouros foi, sim, posteriormente mobilizada e resignificada nas festas já existentes, é apresentada através de diferentes casos, acompanhados e explicados por sínteses históricas esclarecedoras. É neste contexto que surge a referência a “Subrado”:

“Portuguese dancers, accustomed to an agricultural rite on Midsummer day, must have changed into Moors and Christians at some date after the enemy had left Oporto. At Subrado two companies dance and fight all day, each with a castle built into a tree. As the sun sets one of the Kings is taken prisoner and is set free again by his company’s dragon being let loose into the conquerors’ procession. The companies have become confused in course of time, and instead of being Moors and Christians, they are Moors and Clowns. The Clowns bear every

aspect of mysteriously disguised ritualists like our own Mummers. And Clowns or Fools take us straight into those remnants of pagan doings which we are beginning to recognise better than we did. Both companies dance to their Midsummer Saint, St. John, and the agricultural rite still persists. [...] Moriscas are reported in Portugal with Hobby horses and dragons from 1482." (1935, p. 45)

Mais adiante, quando questiona o que terão sido então as Mouriscas europeias antes de terem essa denominação, a autora volta a referir o exemplo, entre outros, da "Portuguese Mouriscada embracing a sowing and ploughing rite" (1935, p. 48), para corroborar a sua convicção de que as "English Morris and Continental Moriscas overlaid a seasonal, dancing rite in existence long before either Moors or Christians had entered Europe." (1935, p. 48).

Relativamente ao livro *The Traditional Dance*, no sexto capítulo, intitulado "Christians and Moors", os autores debruçam-se sobre as relações entre «Mummers' plays» europeias, danças de espadas e Mouriscas. São retomadas ideias anteriores – nomeadamente aquela da inadequação da designação «Moorish», na medida em que muitas dessas performances já existiam antes da presença moura na Europa –, tal como é retomado o exemplo sobradense. Vale a pena notar a forma como foi introduzido: "let us see what is perhaps the strangest of all these continental 'Mauresque' performances, the «Mouriscada» performed annually at Sobrado near Valongo (Portugal) which the authors of this book saw together in 1932, and the existence of which had till then been unknown even to Portuguese folklorists." (Alford, Gallop 1935, p. 116).

É significativo terem assinalado um desconhecimento generalizado acerca da festa, mormente entre os estudiosos portugueses.¹⁰ A descrição é a mesma: bênção da Bugiada e Mouriscada pelos respectivos reis; semear, gradar e lavrar; dança no pátio da casa do padre executada primeiro pelos Mourisqueiros e depois pelos Bugios (com descrição de vestuário e coreografias); performance nos 'castelos' com salvas de mosquetes; prisão do Rei Bugio e sua libertação com a Bicha; Dança do Santo "to give a Christian finish to the ceremony"; e, finalmente, a festa termina, "thus bringing to a close one of the strangest survivals in the whole Europe." (Alford, Gallop 1935, p. 121). Uma fotografia dos Mourisqueiros ilustra o texto.¹¹

No livro *Portugal. A Book of Folk Ways*, originalmente publicado em 1936 e reimpresso em 1961, Gallop oferece um expressivo panorama daquilo que viu em Sobrado em 1932. Depois de uma viva e detalhada descrição das danças de Mourisqueiros e Bugios, assim como da Prisão do Velho, termina o relato com esta frase: "Once again the two teams performed their strange dances, this time in front of the church, and in

honour of St. John, thus bringing to a close one of the most remarkable ritual survivals in modern Europe." (Gallop 1961, p. 174). A insistência nas "survivals" de uma "modern Europe" não é casual e remete-nos para paradigmas bem datados da pesquisa etnológica.

Em 1939, é publicada na revista *Folklore* uma recensão a esta obra, da autoria de Violet Alford. Depois de assumir um certo desapontamento relativamente ao quarto capítulo, afirma que "In Chapter VII we reach the apogee of the book and the crucial moment of the Calendar. [...] we are introduced to the Moor in all his significance." (1939, p. 398). E mais à frente, continua:

"But the great Mouriscada at Sobrado contains all that can be desired – too much. Beginning with a man riding backwards on a pony and sowing flax, going on with jumping in groups by «Bugios» (which may be translated Fool) dances in honour of St. John, dances in honour of the «Cura», a battle from two castles, a dragon, a death procession wailing and sighing, hereditary Kings, the Bugio Sovereign being allowed to choose vestments from the church, his followers all masked devilishly, the Moors much more Christian in appearance, this extraordinary performance covers the whole fairground and lasts from morning to sunset – and that is late enough on Midsummer Day. Nothing more remarkable in folk survivals has come my way, and Mr. Gallop makes the most of it." (1939, pp. 398-399)

As sobrevivências eram uma tónica dos estudos folcloristas e da pesquisa etnológica nesta época e uma preocupação que continuou por anos posteriores, como veremos.

Quase uma década depois, em 1948, outra pena estrangeira descreve a festa de Sobrado: Lucile Armstrong. E não é de menosprezar o facto de essa referência aparecer num livro que faz parte da colecção *Handbooks of European National Dances*, editada por Violet Alford. Num capítulo dedicado às "Ritual Dances", Armstrong escreve o seguinte sobre a festa de Sobrado:

"Portugal is as rich in seasonal ritual dances as any country in Europe, and possesses one of the best and fullest examples of that extraordinary medley, the Dance-drama of the Morisca type. At the village of Sobrado, not far from Oporto, Midsummer Day brings out the Moors and the Bugios, shows the ceremonial ploughing and sowing of a pre-Christian spring rite." (Armstrong 1948, p. 13)

E em 1949, o *Dictionary of Folklore, Mythology and Legend*, traz uma referência inesperada. O verbete para Bugios, da autoria da etnomusicóloga americana Gertrude Prokosch Kurath (1903-1992), diz o seguinte:¹²

¹⁰ Desconhecimento que perdurou no tempo. Conforme notou Pinto décadas mais tarde, a festa de Sobrado "permanece ignorada de muitos estudiosos destas questões, da própria cidade do Porto" (Pinto 1983, p. 60).

¹¹ A mesma que Alford (1933) já havia divulgado.

¹² Certamente, a autora obtém esta informação através da obra de Gallop, visto ser esta a referência bibliográfica que apresenta outros textos (Kurath 1949b, 1960) quando fala do caso de Sobrado. A informação recolhida em fonte secundária pode inclusive explicar a incorrecção quanto a ser o Velho que executa os Serviços da Tarde.

“Literally monkeys: clowns or demonic buffoon dancers in grotesque animal masks, associated with the Portuguese «Mouriscada» at Sobrado on St. John’s Day. The leader rides into town backwards, sowing flax (which he calls maize); he harrows, then plows with an upside-down yoke. He is not masked and wears gorgeous church vestments. The wild, uncouth Bugios do battle with the sedate Mouriscos until the Bugio leader is captured and led off amid lament. With a «serpe», or dragon, they recapture him and join the Mouriscos in a final Christian Dança do Santo. Vestiges of fertility and vegetation magic are apparent in the preliminary entry and in the symbolic battle between the destructive (winter) powers and the radiant (summer) powers. As in other Mouriscas this is more significant than the Christian veneer.” (Kurath 1949a, pp. 168-169)

Não sabemos se Armstrong ou Kurath alguma vez estiveram em Sobrado. O mais provável é que estas sejam apresentações baseadas nas informações de Alford e Gallop. O certo é que a atenção de todos estes olhares estrangeiros sobre a festa sobradense recaía na sua tipologia performativa e no seu significado ritual.

Olhares de dentro: a perspectiva dos portugueses

Naturalmente, houve também eruditos portugueses que escreveram sobre a festa de São João de Sobrado. Com alta probabilidade, alguns deles terão acompanhado e guiado Gallop e Alford na sua visita a Sobrado. Mas foram os pesquisadores ingleses que publicaram primeiro sobre o assunto de um modo mais desenvolvido.

Em 1938, Luís Rufino Chaves Lopes (1888-1975), que assinava Luís Chaves, inaugurou esse filão. O seu texto¹³ debruça-se sobre uma variedade enorme de danças e foi publicado na *Revista Lusitana*, fundada e dirigida pelo nome maior de Leite de Vasconcelos (que assinou a extensa *Etnografia Portuguesa*, cujo volume VIII, como vimos, contém uma das referências mais antigas à festa sobradense). Neste texto, Luís Chaves enumera uma série de danças guerreiras espalhadas um pouco por todo o país. Entre elas, “a ‘Mourisca’, da freguesia de Sobrado (Valongo), simula um ataque a cavalo a [sic] Castelo de Mouros e acaba pela debandada destes.” (1938, p. 232). Ao fechar o longo texto, Chaves afirma não querer terminar sem antes dar conta de um “livro notável”, nada mais, nada menos que *Portugal. A Book of Folk Ways* de Rodney Gallop, do qual, vinte e cinco anos mais tarde, viria a publicar uma resenha (Chaves 1963). Mas no texto de 1938, escreveu o seguinte sobre o etnomusicólogo inglês: “Percorreu diligente e obstinadamente Portugal nas épocas próprias, e soube vê-lo.” (Chaves 1938, p. 235). Terá Luís

Chaves acompanhado Gallop na sua visita a Sobrado em 1932?¹⁴

Três anos depois, em 1941, Chaves volta a fazer menção às ‘mouriscadas’ de Sobrado num artigo sobre danças religiosas (Chaves 1941, p. 374). No entanto, trata-se de uma referência fugaz num texto que trata de muitas outras danças.

Continuando com as danças guerreiras e as mouriscas, Chaves descreve em 1942:

“A ‘mouriscada’ do Sobrado, de Valongo, tem indumentária sua; há um castelo de Mouros, atacado a cavalo, com debandada final dos agarenos. Cenas guerreiras, o ‘dragão’ salvador e os ‘advogados’, dois grupos de figurantes – ‘bugios e mourisqueiros’ – música de viola, rabeça, tambor, compõem o bailado-auto de guerra.” (Chaves 1942b, p. 428)¹⁵

Antes disto, em 1940, Armando Leça (1891-1977) também esteve em Sobrado. E antes dele, no início dos anos 1930, Joaquim Santos Júnior. Ambos observaram a festa mais do que uma vez. E deixaram registos, não apenas escritos, mas fotográficos e até videográficos.

A recolha exaustiva para o cancionero da música popular portuguesa que fez o eminente etnomusicólogo português Armando Leça percorrer o país de lés a lés, levou-o também a Sobrado. Disso deu conta, nesse mesmo ano de 1940, no relatório dos trabalhos para o cancionero, na secção dedicada ao Douro Litoral:

“Começamos pelo Sobrado de Valongo, onde pode reconstituir-se a teatral ‘Mourisca’, de velha tradição, com a indumentária pitoresca dos intérpretes, as cenas do castelo, do dragão salvador, e os convictos ‘advogados’. Viola, rabeça, caixa e tambor. A música não tem relêvo, mas as marchas e as figurações dos dois grupos – os ‘bugios’ e os ‘mourisqueiros’ – são dignos de ser fixados pelo cinema.” (Leça 1940, p. 24)

E doze anos mais tarde, em 1952, escreveu: “Por 1940, em Sobrado de Valongo assisti, no dia de S. João à (‘Mouriscada’) ‘mourisqueira’ com seus juizes, advogados, ‘bugios’, isto é, monos e mouriscos e mais três rabeças, caixa e tambor. Tudo moços solteiros.” (Leça 1952, p. 40). E apesar de a designação da festa indiciar um maior destaque dos Mourisqueiros, foi por uma fotografia de um Bugio que Leça optou para ilustrar o texto.¹⁶

Joaquim Santos Júnior (1901-1990) teve uma formação académica e uma actividade profissional ecléctica e variada. Foi médico, antropólogo, ornitólogo. E entre outros cargos e funções, foi professor de Antropologia

13 Reproduzido na íntegra quatro anos mais tarde (Chaves 1942a).

14 Não é improvável, até porque isso mesmo aconteceu com o Auto da Floripes no Minho, que Gallop observou e fotografou a convite de Luís Chaves (cf. Raposo 1998, p. 204).

15 Mais à frente, volta a referir Sobrado para dizer que nessa ‘mourisca’ há cavalaria (cf. Chaves 1942b, p. 430). Descrição idêntica à citada acima é apresentada em Chaves (1944, p. 24; 1945, p. 23).

16 Curiosamente, a mesma que utilizou, anos depois, num texto que não menciona a festa (cf. Leça 1956).

na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Santos Júnior foi o autor das únicas imagens em movimento, a preto e branco, que se conhecem da festa em tempos de outrora. Foram captadas por volta de 1930 e são um registo de valor inestimável.¹⁷ Terão sido gravadas com Gallop ao lado? Ou com Leça? Ou com ambos? Apesar do seu interesse por esta festa se ter prolongado no tempo, Santos Júnior nunca chegou a publicar nada a respeito.¹⁸

Entre 1930 e 1940, Sobrado recebeu curiosos ilustrados: Gallop e Alford, Santos Júnior, Armando Leça, e porventura, Luís Chaves. Mas foi na década de 1960 que a festa da Bugiada e Mouriscada esteve na mira de muitos outros estudiosos ou, pelo menos, disso se fez nota escrita.

Em 1961, justamente por altura da reimpressão da obra seminal de Gallop (*Portugal. A Book of Folk Ways*) pela Cambridge University Press, Violet Alford publica uma segunda recensão à mesma. Convém sublinhar que esta edição surge vinte e cinco anos depois da edição original e treze anos após o falecimento de Gallop. Alford começa por enaltecer a iniciativa: “It is good to see a reprint a quarter of a century later and to know that it is still required. It is indeed the only comprehensive book in English on the folklore of Portugal.” (1961, p. 633). E houve espaço para uma alusão à metodologia comparativa: “Since its first publication I have recommended this book not only for its folklore of Portugal but for comparative purposes. Its chapters on seasonal feasts are clearly and precisely arranged, making one of the most useful comparative reference books I know” (1961, pp. 633-634). E surpreendentemente para uma tão sintética recensão, Sobrado é mencionado: “the Moorish overlay on pagan ritual, as in the whole Iberian Peninsula, shows a striking example in the Mouriscada at Sobrado” (1961, p. 634).

No ano seguinte, Armando Leça oferece uma explicação, baseada na crença popular de que foi um rei mouro que mandou degolar São João, para a “escolha do dia 24 de Junho para a espectacular exibição da Mouriscada de Sobrado de Valongo que consta de dois castelos em tiroteio, da prisão do rei dos bugios e da intervenção decisiva da serpe e dos embaixadores encasacados; instrumental dos ‘mourisqueiros’, o rufar da caixa; dos bugios: 4 rabecas e 2 violas.” (Leça 1962, p. 50). Uma publicação ilustrada com uma fotografia da Serpe entre Bugios.

Em 1963, outro nome se junta ao lote de redactores. Trata-se do médico António Rangel, que publica um artigo exclusivamente dedicado à festividade de Sobrado. O texto é ilustrado com algumas fotografias e refere-se ao auto popular como “talvez o único no género”. Após uma breve contextualização geográ-

fica e histórica da região, que, entre outros aspectos, descreve a presença moura no território, o autor entra no tema do auto da Bugiada e Mouriscada, uma tradição que teria persistido desde os tempos da ocupação mourisca. Rangel inicia a descrição com a entrada em cena dos Mourisqueiros por volta do meio-dia, após as cerimónias religiosas da missa e da procissão. Descreve fardas e adereços, movimentos e atitudes, de Bugios e Mourisqueiros. Refere também a banda de música e o hino de S. João.

Apesar do enorme contraste entre os dois grupos, ambos “acatam a religião cristã, porque ambos recebem a benção pela água benta e, note-se, ambos são recebidos pelo Sr. Abade, que assim define o papel conciliador da Igreja, que a ambas as raças, cristãos visigodos e cristãos mouros, abre as suas portas” (Rangel 1963, p. 9).

Rangel prossegue com a descrição dos vários momentos da festa, até à Prisão do Velho e à Dança do Santo. E remata: “Assim está terminado este auto, cuja antiguidade não é fácil determinar, cheio de anacronismos, mas que revela como podem manter-se certas tradições, cujas raízes estão muito profundamente mergulhadas nas características étnicas dum povo.” (Rangel 1963, p. 10).

No mesmo ano, com Luís Chaves, surge outra recensão ao livro de Gallop. Chaves nota que “A reedição demonstra curiosidade além-fronteiras pela informação especialmente folclórica do povo português” (Chaves 1963, p. 1) e, em pouco mais de uma página, apresenta o conteúdo da obra.

As narrativas de Rangel e Chaves denotam bem a obsessão dominante à época com o ‘povo’ enquanto raiz e repositório vivo de uma identidade nacional.

A década de 1960 continuaria profícua em relatos sobre a festa de Sobrado. No ano lectivo de 1964-1965, uma aluna de Santos Júnior, Teresa André, redigiu um trabalho sobre esta manifestação cultural para a disciplina de Antropologia, decerto incentivada pelo seu professor.¹⁹ Consultando o exemplar, é possível conhecermos, através das suas notas manuscritas, quais foram as considerações do docente acerca do “Bom trabalho. Bem documentado”. De facto, a aluna esmerou-se na documentação da festa. Esteve em Sobrado no dia de São João de 1964. Observou a festa e recolheu testemunhos, mas o trabalho, ilustrado com várias fotografias coladas nas folhas dactilografadas, não oferece mais do que um texto descritivo da mesma. Logo na Introdução, afirma: “Diz-se ser a única festa no género, quer pela sua indumentária quer pelo seu modo de realização”. E na conclusão, escreve ela assim: “Porém espero um dia, dia esse que já não se me afigura muito longe, poder ler e aplaudir o trabalho sobre as ‘Bugiadas de S. João’ em Sobrado, em que o meu querido Prof. Exm.º Sr. Dr. Santos Júnior anda empenhado. Nele sim, nele encontrarei tudo aquilo que agora me falta.” (André 1965, p. 23). Sabemos que

¹⁷ Estão à guarda da Cinemateca Portuguesa e podem ser visionadas aqui: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8136&type=Video>

¹⁸ Existem, porém, apontamentos seus sobre a festa, integrantes do seu espólio (depositado no arquivo do Centro de Memória de Torre de Moncorvo) e que revelam que também esteve em Sobrado em 1965, 1967 e 1968.

¹⁹ Trabalho este que consta na lista publicada posteriormente (cf. Santos Júnior 1982, p. 239).

Santos Júnior estava, de facto, dedicado ao estudo desta festividade, mas, infelizmente, não chegou a dar à estampa esse trabalho.

Nesse mesmo ano de 1965 em que a pupila entregava o seu trabalho, Osvaldo Freire, académico mais experiente, mas igualmente discípulo de Santos Júnior, apresentou uma palestra sobre a festa sobradense na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, com a participação do seu mestre.²⁰

Também em 1965, Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1990) ocupava-se então das festas de São João em Portugal. Num texto dedicado ao tema, ao afirmar que “a noite de S. João é especificamente aquela em que se manifestam as mouras encantadas”, dá o exemplo de Valongo, onde, “antes do nascer do Sol, ouve-se, nas minas – e advirta-se que se trata das galerias mineiras de ouro, da época romana – tocar um sino debaixo da terra” (1965, p. 65). Nesta altura, porém, não refere a Mouriscada de Sobrado. Só vinte anos mais tarde, na obra de referência *Festividades Cíclicas em Portugal* (1995 [1984]) é que dedica umas linhas à festividade sobradense. Ao falar da Serpe nas procissões do Corpus Christi, Veiga de Oliveira refere que ela devia ocorrer também “nas proximidades do Porto, visto que subsiste ainda em nossos dias [...] e no monstro da cena final dos Bugios do S. João em Sobrado (Valongo).” (1995, p. 279). Não deixa de ser curioso que sendo esta uma obra generalista, não tendo sequer nenhum capítulo ou secção dedicada ao São João de Sobrado, tenha sido escolhida para imagem da capa e contracapa uma fotografia do Velho da Bugiada, da autoria de Benjamim Pereira. E este detalhe pode bem ser um indício de que ambos estiveram juntos em Sobrado.²¹

Regressando aos anos 1960, há ainda duas outras referências a registar.

Em 1966, foi a vez de Joaquim Azinhal Abelho (1911-1979), poeta, cineasta e homem do teatro, escrever um texto onde menciona a Bugiada. Percorrendo a região do Douro e Minho, e tendo como foco o teatro popular, Abelho faz menção a algumas danças e, entre estas, às que encenam lutas entre cristãos e infiéis, referindo que “na freguesia de Sobrado, concelho de Valongo, a dança dos Bugios e Mourisqueiros é representada,

²⁰ Cf. «A Bugiada de Sobrado-Valongo numa palestra do Dr. Osvaldo Freire», *Diário do Norte*, 11 de Novembro de 1965. Podendo tratar-se da mesma, importa, contudo, registar que existe outra referência a uma comunicação com o mesmo título, apresentada em 1965 numa sessão da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, com a nomeação de outros dois autores: «A bugiada do Sobrado (Valongo), pelo Prof. Santos Júnior, Dr. Osvaldo Freire e a aluna da cadeira da Antropologia, Teresa Jesus de Moura André» (cf. AAVV 1966, p. 222).

²¹ Uma coisa é certa e sabida, a sua relação era de grande proximidade. Trabalhavam juntos e trocavam informação. Neste texto, Veiga de Oliveira faz mesmo referência directa ao seu companheiro: “Benjamim Pereira, analisando os ‘Regimentos’ da procissão do Corpus Christi em várias localidades portuguesas, nota que, em muitas delas, ocorriam grupos e danças de mouriscos e de bugios, por vezes em termos muito semelhantes aos que hoje se vêem no S. João de Sobrado” (Veiga de Oliveira 1995, p. 282).

depois da missa, com um ritual costumeiro, que tem passado de pais a filhos.” (1966, p. 15).²²

E em 1967, Luís Chaves retorna ao caso de Sobrado. É surpreendente que num texto dedicado a peças de indumentária tão particulares como barretes, turbantes e chapéus, não haja qualquer menção aos adereços sobradenses de Bugios e Mourisqueiros. O texto destaca as danças populares que representam combates, como as mouriscas e os autos populares, oferecendo exemplos das mais variadas regiões de Portugal, entre elas, “a ‘mouriscada de Sobrado’, concelho de Valongo (Douro Litoral), a luta simulava-se no ataque do ‘castelo mouro’ por cavaleiros cristãos, que o assaltam, ao som de viola e rabeça entre o rufar de tambor.” (1967, p. 17).

A década de 1970 tem uma referência de peso. Em 1971 é publicada mais uma obra de vulto, da autoria de Benjamim Enes Pereira (1928-2020): *Máscaras Portuguesas*. Numa secção sobre S. João e S. Pedro, Pereira menciona que “Na povoação de Sobrado (Valongo), tinha lugar uma pantomina de personagens mascaradas, separadas em dois grupos distintos e antagónicos, os quais, além de combates, mimavam a cena da lavra ritual.” (Pereira 1973, p. 136). Mas remete para Gallop tudo o resto que acrescenta sobre a festa, dele transcrevendo uma longa passagem.

É mais de uma década depois que Benjamim Pereira se debruça seriamente sobre a festa da Bugiada e Mouriscada, num artigo exclusivamente dedicado a ela (Pereira 1982), publicado na revista da Société d’Archéologie et des Amis du Musée de Binche, na Bélgica. O mesmo número da revista inclui também uma nota de Michel Revelard, conservador do Musée International du Carnaval et du Masque, em que este refere a oferta ao museu, por Benjamim Pereira e Ernesto Veiga de Oliveira, de uma colecção de trajes de carnaval e máscaras, entre os quais estão 2 trajes de Bugio e 2 trajes de Mourisco.²³

Esta é uma publicação muito relevante. Trata-se de um dos textos mais desenvolvidos sobre a festividade de Sobrado e representa um novo paradigma analítico. Benjamim Pereira fez parte de uma geração de antropólogos portugueses que, inspirados pelo seu mestre Jorge Dias (1907-1973), procurava superar o mero registo e descrição e se empenhava na análise e interpretação. E este texto reflecte essa nova abordagem da Antropologia portuguesa, que marcou uma época.

O autor começa por apresentar Sobrado do ponto de vista geográfico e económico, bem como a sua estrutura social. Tendo na agricultura a sua principal actividade, a comunidade dependia das cerca de qua-

²² Numa publicação posterior, Abelho reedita o texto de 1963 “Dança dos Bugios e Mourisqueiros” de António Martins da Costa Rangel (cf. Rangel 1970). De registar que, no final do livro, são apresentadas seis fotografias da festa de Sobrado, sem qualquer data e cuja autoria não é identificada, pelo que ficamos sem saber se foram tiradas por Rangel ou Azinhal Abelho. O certo é que nenhuma coincide com as que foram publicadas no artigo do *Praça Nova* em 1963.

²³ Estas indumentárias ainda se encontram guardadas no Museu, conforme pudemos confirmar recentemente.

tro dezenas de famílias proprietárias da terra. Mas na década de 1940 instala-se na vila a indústria da fição e, anos mais tarde, da madeira e mobiliário, o que alterou profundamente o perfil socioeconómico da comunidade.

Relativamente à Bugiada e Mouriscada, Pereira observa que a sua “préservation constitue un fait singulier, dans la mesure où les bouleversements survenus dans le tissu socio-économique, contrairement à ce qui se produit d’habitude, favorisèrent et revitalisèrent cette fête de souche archaïque.” (Pereira 1982, p. 34).

O autor refere a lenda subjacente e o papel de elo que o São João representa entre os dois povos, mouros e cristãos. Descreve então os grupos em presença, Bugios e Mourisqueiros, ao nível de trajas, adereços e acompanhamento musical. E não deixa de assinalar o seu significado simbólico: os Mouros na esfera da ordem e da disciplina, os Bugios da desordem. Informa também acerca da organização da festa e não esquece os preparativos, como os ensaios. Quanto ao dia da festa, Pereira faz a sua descrição detalhada, do arranque de manhã à última dança.

Depois de muitas linhas essencialmente descritivas, passa à interpretação. Como seria de esperar, o nome de Gallop emerge. Menos expectável, porém, é a crítica que Pereira faz à leitura oferecida pelo inglês. Para este, a representação do trabalho simbólico seria um rito de fertilidade agrícola operando por inversão, os mouros e a serpente teriam a sua origem na procissão de Braga ou nalguma outra cerimónia mais antiga, a batalha entre os dois grupos simbolizaria os combates rituais entre verão e inverno. Afirma Benjamim Pereira que “Cette interprétation, issue des théories de Frazer, nous paraît actuellement trop inconsistante et superficielle.” (Pereira 1982, p. 39).

Pereira destaca então os seguintes elementos relevantes:

“ – la célébration a lieu à une date fixe, le 24 juin, l’une des plus importantes du calendrier du cycle populaire;

– elle est mise sur pied par la classe masculine des jeunes;

– les personnages sont répartis en Maures et Bugios, les premiers représentant l’ordre, l’harmonie et l’efficacité, et les seconds incarnant le désordre, la confusion et l’inefficacité;

– le costume et les accessoires soulignent le côté guerrier et le niveau social des Maures: les épées et les parures en or; pour les Bugios: le masque et les instruments aratoires, le processus d’inversion, leur marginalité et leur étroit rapport avec l’agriculture;

– les danses [...] accentuent les oppositions: celles des Maures [...] expriment avec force les capacités physiques du groupe, tandis que celles des Bugios démontrent la turbulence la plus excessive;

– le masque, permettant le passage du réel au fantastique, introduit la rupture du quotidien, l’agitation, le fabuleux;

– à charge des Bugios, le labour rituel est en effet une preuve de leur rapport avec les activités agricoles et avec

la fin du cycle des semailles, d’une importance primordiale, jadis, dans cette localité;

– le transport de l’image de saint Jean par les Maures accentue le manque de prestige des chrétiens que sont les Bugios;

– le combat, et le mécanisme de la victoire partiellement annulée par l’intervention d’un être fantastique, réintègre le vieux chef dans le groupe des Bugios, évitant ainsi un revers catastrophique.” (1982, p. 39).²⁴

Pereira sublinha ainda que os Bugios se identificam com a população local e os Mouros com um grupo exterior, e que a sua representação dramática parece conter uma lição de reintegração e inculturação.

Pereira aponta várias semelhanças com os elementos que compunham a procissão do Corpus Christi nos séculos XVI e XVII, entretanto banidos no século XVIII pela Igreja. No entanto, e citando Luís Chaves, lembra que estas proibições não fizeram desaparecer as danças, que eram anteriores e persistiram. Para Benjamim Pereira, é a partir destas interdições no cortejo do Corpo de Deus que estas danças e elementos se começam a integrar noutras festividades, e faz referência às festas de Santo António em Valongo com a sua Bugiada. Mas, continua o autor, se em Valongo, estas festas desapareceram, na vila vizinha de Sobrado ainda é possível encontrar os seus vestígios e com grande vitalidade.

A preocupação com as ‘sobrevivências’ persistia, mas a forma de analisar e interpretar estes fenómenos culturais já era diferente: mais demorada, mais contextualizada, mais abrangente. De notar que duas fotografias (uma dos Mourisqueiros, outra dos Bugios) ilustram o texto da revista belga e, apesar de essa informação ser omissa, supõe-se que tenham sido tiradas pelo próprio Benjamim.

Na década de 1980, há outra publicação dedicada exclusivamente ao São João de Sobrado. Em 1983, Manuel Pinto, natural de Sobrado, publica um pequeno livro sobre a festa (Pinto 1983).²⁵ Nesta altura, Pinto ainda notava a ausência de trabalhos aprofundados sobre o assunto e reconhecendo não ter essa pretensão – “A abordagem que se segue não pretende ser senão uma resumida descrição dos aspectos e momentos mais significativos” (1983, p. 12) –, espera, embora modestamente, que o seu contributo possa servir como guia a quem visita Sobrado no dia 24 de Junho e como incentivo a pesquisas futuras.

Às 14 páginas de texto com a descrição de trajas de Bugios e Mourisqueiros, Serviços da Tarde e Prisão do Velho (cf. 1983, pp. 13-29), segue-se a narrativa da lenda, para logo depois entrarmos numa secção um pouco mais analítica, que lança algumas hipóteses interpretativas. A primeira é relativa à origem da festividade, ou melhor dizendo, das suas representações, na

²⁴ Estas e outras considerações avançadas neste artigo foram também apresentadas em língua portuguesa, numa brochura de uma exposição (cf. Pereira 1986).

²⁵ Embora tenha feito, por esta altura, duas breves referências à festa de Sobrado (Pinto 1981, 1985).

impossibilidade de situar o festejo na cronologia histórica. Assim conclui, em linha com Gallop, que muitos dos figurantes e performances terão sido assimilados de outras festas, que não as de São João, e terão resultado numa agregação de elementos que nem sempre estiveram associados. A outra aproximação analítica, bem mais auspiciosa, prende-se com o papel da(s) festa(s) na vida colectiva das sociedades. Mais especificamente para o caso de Sobrado, Pinto indaga: “como explicar a permanência desta festa ao longo dos tempos, a sua continuidade hoje em dia e mesmo a sua revitalização nos últimos anos?” (1983, p. 36). De certa forma, está aqui também presente uma interrogação sobre a ‘sobrevivência’ da festa, mas essa perplexidade tem razão de ser, tal foram as transformações ocorridas durante o século XX no tecido social e económico da vila e da região. Desafortunadamente, nem três páginas são dedicadas a este tópico do papel da festa na vida comunitária. Depois de apresentar seis breves exemplos da ‘paixão’²⁶ que os sobradenses têm pela festa – a que dão primazia mesmo em face de doença, morte e guerra – e de assinalar, como já o havia feito Benjamim Pereira, que este é um espectáculo teatral invulgar uma vez que não existe uma separação rígida entre ‘actores’ e assistência, o autor conclui que “de alguma forma, é a comunidade que ali está representada” (1983, p. 39). Esta afirmação é tão pertinente como promissora, mas fica sem desenvolvimento. No capítulo final da obra, Manuel Pinto apresenta “alguns problemas e hipóteses de interpretação” e distancia-se do contexto especificamente sobradense para focar-se antes em três aspectos mais abrangentes: 1) as festas do ciclo junino; 2) as festas de mouros e cristãos (de antagonismo e luta); e 3) o significado das lutas rituais e das representações de máscaras.

Na primeira dimensão, explora-se “uma hipótese que, embora pouco satisfatória e conclusiva, constitui uma importante pista de investigação”. Trata-se da influência das procissões do Corpus Christi e da transferência dos seus elementos para outras festividades, o que, segundo Pinto, “vem levantar a pergunta se as representações de Sobrado não poderão ter sido uma importação de elementos das procissões de Braga ou Penafiel, transferidas para o dia 24 de Junho” (1983, p. 44). Na segunda, sobre a oposição entre mouros e cristãos, conclui-se o seguinte: “abordar as festas de mouros e cristãos é fundamentalmente colocar a questão do processo da cultura popular, dos seus elementos primitivos, do peso dos elementos cristãos e do modo como essa cultura popular assimilou, na sua própria evolução, um facto histórico [...] como foi a presença dos povos árabes. É, pois, colocar a questão dos Bugios!” (1983, p. 49). Quanto ao terceiro eixo, relativo à dinâmica interna da festa, o autor destaca uma vez mais os Bugios que, a seu ver, “personifica[m] a vida da comunidade e a luta ingente que ela tem de travar pela sua sobrevivência e prosperidade. Daqui a razão

do uso das máscaras.” (1983, p. 52). Mas além do significado dos mascarados, estabelece também o das luras rituais, concordando com Gallop quanto a serem ritos de fertilidade.

Manuel Pinto lança ideias para investigações posteriores (e nisso é exemplar e caso único), mantendo-se comedido e prudente quando diz que a sua é uma “reflexão limitada. Mas talvez seja preferível isto, a avançar para altos voos, sem um aprofundamento do fundo que está por detrás das formas de que a festa ainda hoje se reveste” (1983, p. 56). Esta afirmação tinha toda a razão de ser, ainda mais se devidamente situada: 1983.²⁷ Não obstante, naquela época, Sobrado vivia uma reconfiguração socioeconómica profunda, que teve também repercussões na festa. Porém, volvidos quase 40 anos, a mesma afirmação podia ser escrita novamente com propriedade, pois pouco mais se avançou.

Foi na década de 1980, com Benjamim Pereira e Manuel Pinto, que se começaram a tentar esboçar quadros interpretativos mais amplos, mas mantendo ainda uma forte componente descritiva e uma inclinação para a descodificação simbólica dos vários elementos apresentados no dia da festa.

Notas finais

Seguiram-se outros académicos, mas timidamente. A partir dos anos 1990, as publicações que referem a festividade de Sobrado tornam-se mais frequentes, mas ainda assim, as menções são sucintas e quase sempre superficiais. As abordagens tanto são exclusivas, tendo o festejo como foco único (Araújo 2004; Pinto et al. 2016; Santos 2019; Cunha 2019; Araújo et al. 2020; Araújo, Ribeiro 2021), como multifocais, em que a festa sobradense é um entre outros focos, ou simplesmente, é abordada lateralmente (Gonçalves 1985, 1996; Alge 2006, 2007; Krom 2012; Dewulf 2015; Conceição 2015; Matellán 2015; Ribeiro 2018; Araújo et al. 2019; Reboredo 2019).²⁸

O certo é que não existe ainda nenhum trabalho de profundidade sobre esta festividade tão peculiar. E até à data também nunca tinha sido feito um exercício de sistematização de obras publicadas, um estado da arte. A revisão bibliográfica que aqui se apresenta pretendeu colmatar essa lacuna, unificando a dispersão de publicações. Pode ser um ponto de partida útil, contribuindo para que surjam novas investigações sobre esta festa, cuja riqueza analítica não está suficientemente explorada. Mas esta revisão crítica da bibliografia serve também de barómetro da pesquisa etnológica do século XX em Portugal. Esta retrospectiva permi-

²⁷ Ainda que a primeira versão seja de 1977 (cf. Pinto 1983, pp. 12 e 57).

²⁸ Cumpre referir que, à semelhança do presente artigo, alguns destes trabalhos resultam do projecto de investigação FESTIVITY e são da autoria de membros da sua equipa: Ribeiro (2018); Araújo, Silva, Ribeiro (2019); Cunha (2019); Araújo, Fernandes, Ribeiro (2020); Araújo, Ribeiro (2021).

²⁶ A ‘paixão’ é um conceito «emic» cujo significado identitário e a complexidade antropológica não cabe aqui desenvolver.

te identificar matrizes, que devem ser devidamente apreciadas no seu tempo histórico, assim como mutações e continuidades nas abordagens disciplinares. Daqui é possível ainda reflectir sobre os processos de produção do conhecimento científico, uma processualidade que se constrói desde os primeiros folcloristas aos etnógrafos contemporâneos.

Em grande medida, no que respeita à festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, os objectos de estudo e os recortes temáticos repetiram-se nos trabalhos do século XXI. A atenção dada às formas performativas e à simbologia ritual continuou. E outro dado ressalta também: ontem como hoje, a festa atraiu sobretudo a atenção de etnomusicólogos (Gallop, Alford, Chaves, Leça, Alge). A música e a dança são incontornáveis.

Vejamos uma dessas persistências. Também Reboredo (2019) se dedica a apresentar os vários protagonistas, descrevendo as suas indumentárias, e as diferentes etapas performativas do dia, sem esquecer a lenda. Seis páginas de descrição de personagens e performances. Prossegue depois para a conclusão: esta representação da luta entre cristãos e mouros difere de outras semelhantes, não somente porque não implica a conversão ou submissão dos mouros aos cristãos, mas na medida em que possui uma singularidade, a intervenção da Serpe, um elemento fantástico e não cristão, avançando com a hipótese de a Serpe ser uma derivação das 'Cocas' do Corpus Christi, ainda que com um propósito positivo, não maléfico, dando-se, portanto, uma alteração do seu significado simbólico, que recuperou o seu sentido original de figura protectora (cf. 2019, pp. 369-370). Mais uma vez, o tom descritivo, a identificação de uma origem e a exegese simbólica predominam.

Ao longo de todo o século XX, mas ainda no século XXI, o destaque dado aos elementos cénicos e performativos fez descurar a dimensão sociológica da festa. Olhou-se e olha-se sobretudo para o dia da festa. Mas e o que há para lá disso?

Pinto (1983) já havia lançado as bases desse salto qualitativo (e epistemológico) quando apelou a uma pesquisa mais profunda "no sentido de apurar com rigor quem são os participantes que vão dançar - quais as suas profissões, e seu modo de vida, a zona da freguesia em que vivem e, ao mesmo tempo, proceder de forma idêntica com aqueles que, deliberadamente, o não fazem, apurando o porquê dessa atitude" (1983, p. 58).

As metodologias de pesquisa foram-se alterando, é certo (e ainda no século XX). Desde logo, no que à observação e recolha diz respeito. Gallop e Alford estiveram umas horas em Sobrado, Santos Júnior e Benjamim Pereira regressaram mais de uma vez. E esses aprimoramentos metodológicos têm implicações na produção do conhecimento. Não é o mesmo passar uma tarde em Sobrado, repetir visitas, ou aí permanecer.²⁹ Como vimos, os primeiros relatos baseavam-se

na observação passageira e na descrição. Mais tarde, revisita-se o lugar e fazem-se relações com o contexto circundante. Mas faltam ainda investigações etnográficas, baseadas em trabalho de campo prolongado, que dêem voz àqueles que fazem e vivem a festa e que vejam para lá do dia da festa. Há muito para lá desse dia.

O pouco que se escreveu sobre a festa de Sobrado, por académicos e eruditos, foi quase sempre sobre forma, e não sobre conteúdo (entendendo aqui as interpretações sobre significados simbólicos e rituais também uma forma, uma hermenêutica). Há abundância de relatos sobre como se faz a festa, quais os personagens e momentos performativos que a compõem, mas inexistência assombrosa sobre como é vivida pelas pessoas, sobre as formas como intersecta passado e presente, como constrói sentimentos de pertença, individuais e colectivos, sobre como serve para reflectir sobre questões de identidade, memória, património, em suma, sobre como a festa faz a comunidade. Falta um olhar sociológico e antropológico e falta uma abordagem histórica e etnográfica.

Aquilo que dela se captou e escreveu, tão sucinto e demarcado, e o tipo de conhecimento que isso gerou, fica muito aquém do seu potencial e riqueza. Afinal de contas, a festa é cor e brilho, mas também afirmação identitária, a festa é tradição, mas também inovação. A festa da Bugiada e Mouriscada oferece razões de sobra para que lhe dediquemos novos olhares. As perspectivas e abordagens possíveis são múltiplas e diversas. E convocam diferentes campos disciplinares. Estes têm sido os esforços do projecto "FESTIVITY - Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado", mas o seu trabalho está longe de se esgotar. Até porque quanto mais contributos, melhor. Fica aqui o convite.

Referências bibliográficas

- AAVV. (1966). Comunicações apresentadas e discutidas em sessões científicas da sociedade. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia XX*: p. 222.
- Abelho, A. (1966). Teatro Popular entre Douro e Minho. *Mensário das Casas do Povo* (236): pp. 14-15.
- Abelho, A. (1970). *Teatro Popular Português. Entre-Douro-e-Minho: do Carolíngio ao Maiato*. Braga: Editora Pax.
- Alford, V.; Gallop, R. (1935). *The Traditional Dance*. London: Methuen & Co.
- Alford, V. (1933). Midsummer and Morris in Portugal. *Folklore* 44(2): pp. 218-235.

exemplo, refira-se que Barbara Alge esteve apenas dois dias em Sobrado: "O estudo baseia-se em pesquisas de campo levadas a cabo pela autora a 29 de Novembro de 2004 e a 24 de Junho de 2005, em Sobrado" (Alge 2007, p. 73). Também Xosé Manuel Reboredo (2019, pp. 362 e 364) admite uma visita passageira: "levou-me a acudir a Sobrado o dia 24 de xuño de 2014 para ter unha visión en directo do mesmo, por moito que fose unha visita moi de pasada." e "Cando cheguei a Sobrado o 24-VI-2014 eran as 12 horas e estaba a comezar a procesión".

²⁹ Contudo, as estadias prolongadas no terreno são escassas, mesmo nos trabalhos realizados durante o século XXI. A título de

- Alford, V. (1935). Morris and Morisca. *Journal of the English Folk Dance and Song Society* 2: pp. 41-49.
- Alford, V. (1939). Recensão de Portugal, *A Book of Folk-Ways* de Rodney Gallop. *Folklore* 50(4): pp. 395-399.
- Alford, V. (1961). Recensão de Portugal. *A Book of Folk-Ways* de Rodney Gallop. *Folklore* 72(4): pp. 633-634.
- Alge, B. (2006). A memória colectiva religiosa em danças dramáticas de Penafiel, Sobrado e Braga. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (18): pp. 413-433.
- Alge, B. (2007). O 'Mouro' como elemento comparativo em duas performances de mourisca em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 47(1-4): pp. 71-92.
- André, T. (1965). *As Bugiadas do S. João em Sobrado-Valongo*. Trabalho especial de Antropologia (ano lectivo 1964-1965). Porto: Universidade do Porto.
- Araújo, E., Fernandes, A. e Ribeiro, R. (2020). "A urgência dos ritmos festivos: análise a partir do caso de S. João de Sobrado". In C. Sales, E. Araújo e R. Costa (orgs.). *Tempo e sociedade em suspenso*, Lisboa, CIES-ISCTE, pp. 143-157.
- Araújo, E., Silva, M. e Ribeiro, R. (2019). O tempo da comunidade e o tempo do turismo: notas sobre duas festas. *Revista Lusófona de Estudos Culturais* 6(2): pp. 89-107.
- Araújo, E., Ribeiro, R. (2021). Ser bugia e dizer-se bugio: uma análise da participação das mulheres no tempo da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, Portugal. *Revista Gênero* 22(1): pp. 1-27.
- Araújo, M. C. da C. (2004). Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho. O S. João de Sobrado-Valongo. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Armstrong, L. (1948). *Dances of Portugal*. New York: Chanticleer Press.
- Chaves, L. (1938). Pantomimas, danças & bailados populares. *Revista Lusitana* XXXVI: pp. 218-235.
- Chaves, L. (1941). Danças Religiosas. *Revista de Guimarães* 51: pp. 372-387.
- Chaves, L. (1942)a. "Pantomimas, danças & bailados populares". In *Páginas Folclóricas. A canção do trabalho - a sinfonia das côres, pantomimas, canções & bailados populares, folclore dos monumentos pré-históricos*. Porto: Portucalense Editora: pp. 133-178.
- Chaves, L. (1942)b. Danças, bailados & mímicas guerreiras. *Ethnos* II: pp. 411-432.
- Chaves, L. (1944). *Danças & Bailados. Notas de coreografia popular portuguesa*. Lisboa.
- Chaves, L. (1945). Coreografia popular portuguesa. *Las Ciencias* (1): pp. 1-27.
- Chaves, L. (1963). Recensão de Portugal. *A Book of Folk-Ways*, Rodney Gallop. Separata de *Revista Portuguesa de Filologia* XII(Tomo I): pp. 248-249.
- Chaves, L. (1967). Danças figuradas nas tradições populares portuguesas - De barretes ou carapuças, turbantes e chapéus. *Mensário das Casas do Povo* (251): pp. 15-19.
- Conceição, B. da. (2015). É uma festa portuguesa, com certeza! - Cultura popular e apropriação em Portugal: o caso das Brincas, Bugiada e Mouriscada e Auto da Floripes e dos trabalhos do PIM e do Teatro do Noroeste. Monografia de Licenciatura. São Paulo: Universidade Estadual Paulista..
- Cunha, L. (2019). Mouros contra cristãos: simulação da guerra ou encontro de culturas?. *Revista Lusófona de Estudos Culturais* 6(2): pp. 37-49.
- Dewulf, J. (2015). From Moors to Indians: The Mardi Gras Indians and the Three Transformations of St. James. *Louisiana History: The Journal of the Louisiana Historical Association* 56(1): pp. 5-41.
- Gallop, R. (1934). The Origins of the Morris Dance. *Journal of the English Folk Dance and Song Society* 1(3): pp. 122-129.
- Gallop, R. (1961 [1936]). *Portugal. A Book of Folk Ways*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gonçalves, A. C. (1985). A simbolização da violência social. *Geografia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* I: pp. 35-45.
- Gonçalves, A. C. (1996), "La symbolisation politique dans les rites profanes". In L. Voyé (ed.), *Figures des Dieux. Rites et mouvements religieux. Hommage à Jean Remy*, Bruxelles, De Boeck Université, pp. 31-34..
- Krom, M. J. C. (2012). Dances of Moors and Christians: History, Legend and Practice in three contemporary performances in Portugal, Spain and Brazil. *Antropolítica* (33): pp. 119-140.
- Kurath, G. P. (1949a), "Bugios". In M. Leach (ed.). *Standard Dictionary of Folklore, Mythology and Legend*, New York, Funk & Wagnalls, pp. 168-169.
- Kurath, G. P. (1949)b. Mexican Moriscas: a problem in dance acculturation. *The Journal of American Folklore* 62(44): pp. 87-106.
- Kurath, G. P. (1960). Panorama of Dance Ethnology. *Current Anthropology* 1(3): pp. 233-254.
- Leça, A. (1940). *Cancioneiro Músico-Popular*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários.
- Leça, A. (1952). Do cancionero músico-portuense. *O Tripeiro* V Série(2): pp. 40-45.
- Leça, A. (1956) Estratificações da Música Portuguesa. *Mensário das Casas do Povo* (126): pp. 12-13.
- Leça, A. (1962). Motivos ensoados pelo povo. Separata do *Boletim da Junta Distrital de Lisboa* II série (LVII-LX).
- Leite de Vasconcelos, J. (1997 [1982]). *Etnografia Portuguesa* (VIII). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Matellán, J. M. G. (2015). *Mapa hispano de bailes y danzas de tradición oral. Tomo II: Aspectos festivos y coreográficos*. Asociación Española de Organizaciones de Festivales de Folklore.
- Mourato, A. (2000). Cor e Melancolia. Uma biografia do pintor Francisco José Resende. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Pereira, B. (1982). Les Maures et Les Bugios de Sobrado (Valongo). *Les Cahiers Binchois - Revue de la Société d'Archéologie et des amis du Musée de Binche* (5): pp. 34-44.
- Pereira, B. (1986). Festas de S. João, S. Pedro e Santo António/Procissões/Lavras rituais. *Máscaras portuguesas* [Exposição realizada pelo Museu de Etnologia do Instituto de Investigação Científica Tropical em colaboração com a Bial Universitária de Coimbra], pp. 15-19.
- Pereira, B. (1973 [1971]), "S. João e S. Pedro". In *Máscaras Portuguesas*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Museu de Etnologia do Ultramar, pp. 136-140.

- Pinto, M., Ribeiro, R., Nunes, M. J., Araújo, E., Santos, L., Cunha, L., Gonçalves, A., Martins, M. e Durand, J.Y. (2016). Bugiada e Mouriscada de Sobrado: a festa como património. Congresso Ibero-Americano "Património, suas matérias e imatérias", 2 e 3 de Novembro de 2016, Lisboa.
- Pinto, M. (1981). As tradicionais rivalidades entre Gandra e Sobrado. Separata de *O Concelho de Paredes – Boletim Municipal* (4).
- Pinto, M. (1983). *Bugios e Mourisqueiros. A Festa de S. João de Sobrado*. Valongo: Associação para a Defesa do Património Natural e Cultural do Concelho de Valongo.
- Pinto, M. (1985). As tradições mais relevantes no concelho de Valongo. *Vallis Longus* 1: pp. 31-35.
- Pinto, M. (2000). A Bugiada: festa, luta e comunicação. IV LUSOCOM – Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, 19 a 22 de Abril de 2000, São Paulo.
- Rangel, A. M. da C. (1963). Dança dos Bugios e Mourisqueiros. *Praça Nova* Setembro: pp. 8-10.
- Rangel, A. M. C. (1970). Dança dos Bugios e Mourisqueiros. In Abelho, A. *Teatro Popular Português. Entre-Douro-e-Minho: do Carolíngio ao Maiato*. Braga: Editora Pax, pp. 69-78.
- Raposo, P. (1998). O Auto da Floripes: 'Cultura Popular', Etnógrafos, Intelectuais e Artistas. *Etnográfica* II(2): pp. 189-219.
- Reboredo, X. M. G. (2019). *Festas con representacións de mouros e cristiáns en Galicia e terras do noroeste veciñas*. Silleda: Edicións Fervenza, pp. 361-370.
- Reis, J. A. L. (1904). *A Villa de Vallongo. Suas tradições e história, descrição, costumes e monumentos*. Porto: Typ. Coelho.
- Ribeiro, R. (2018). Património cultural, comunidade e reflexividade. *Veduta* (XII): pp. 62-67.
- Santos, S. (2019). Turismo de eventos: o caso da Bugiada e Mouriscada em Sobrado, Valongo. Dissertação de Mestrado. Porto: Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo.
- Santos Júnior, J. R. dos. (1982). Trabalhos especiais dos alunos do curso de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* 24(2): pp. 211-248.
- Sardinha, J. A. (2012). *Danças populares do Corpus Christi de Penafiel*. Vila Verde: Tradisom.
- Seara, F. J. R. (1896). *Bosquejo histórico da villa de Vallongo e suas tradições*. Santo Thyrso: Typ. do Jornal de Santo Thyrso.
- Seara. (1863). Festa dos Bugios a Santo António em Vallongo. *Archivo Pittoresco* (16): pp. 127-128.
- Veiga de Oliveira, E. (1965). O S. João em Portugal. *Revista de Etnografia* IV: pp. 57-112.
- Veiga de Oliveira, E. (1995 [1984]). *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.